

Fonte O Globo Class.: 134Data 29 de agosto de 1978 Pg.: 9

Antropólogos divulgam opinião contra emancipação

SÃO PAULO (O GLOBO) — Um grupo de 30 antropólogos, de diversos Estados, divulgou um documento elaborado durante reunião realizada no último sábado, em São Paulo, que tem por objetivo sensibilizar a opinião pública na luta contra o projeto de Emancipação dos Índios. Afirmaram que "emancipar grupos indígenas agora é entregá-los desarmados a forças infinitamente mais poderosas, que lhes arrebatarão, em maior ou menor prazo, as terras a vil preço, por grilagem ou por execução de dívidas, absorvendo-os como mão-de-obra barata".

Em entrevista coletiva, as antropólogas Luz Vidal, da USP; Manuela Carneiro da Cunha, da Unicamp; Aracy Lopes da Silva, da USP; e Carmem Junqueira, da PUC, afirmaram existir um consenso entre os antropólogos contra o projeto e acrescentaram que defenderão essa posição em Brasília, nas reuniões marcadas para os dias 11, 12 e 13 de setembro, da qual participarão também representantes do Conselho Indigenista Missionário, o presidente da Funai, General Ismarth de Oliveira, e outros membros do órgão, o Ministro do Interior, Rangel Reis, e o advogado Dalmo de Abreu Dalari.

Durante o encontro de sábado, os antropólogos decidiram formar uma comissão pró-índio, que reunirá profissionais de diversas áreas ligados à causa indígena e terá o objetivo de fazer um levantamento sobre a situação dos índios no País, recolhendo subsídios que possam orientar a política oficial.

No documento divulgado ontem, os antropólogos lembram que toda a história mostra a vulnerabilidade dos grupos indígenas brasileiros diante da ocupação econômica do interior e que os índios, que constituíam um grupo de um milhão de indivíduos em 1.900, estão hoje reduzidos a cerca de 100 mil. Afirmam, ainda, que estão assistindo, hoje, "a derradeira e talvez mais forte investida da expansão interna em todo o centro-oeste e norte do País, liderada por grandes grupos empresariais".

Com relação às críticas sobre a desproporção entre o número de índios de determinados grupos e as terras que ocupam, os antropólogos lembram que "o aproveitamento de tais áreas se faz segundo modalidades próprias, e grupos caçadores, por exemplo, necessitam de grandes extensões". No documento, afirmam ainda que, muitas vezes, aqueles que criticam as dimensões das terras indígenas esquecem-se das fazendas existentes ao lado das reservas, "de propriedade de grupos cujos acionistas são em muito menor número que os do grupo indígena".

"Objeta-se então" — prossegue o documento — "com a fraca rentabilidade das terras ocupadas. Isto levanta duas questões: uma que tange ao respeito que se deve por outras formas culturais e outras que, nessa terra que, por sua história, lhes pertencem com justiça, uma vez interessados em novas técnicas produtivas os grupos indígenas podem produzir tanto ou mais que seus vizinhos.